GEOGRAFIA RIBEIRINHA - UM CAMPO DE ANÁLISE TEÓRICA

Evanildo Santos CARDOSO¹

RESUMO

A Geografia se insere no ramo das Ciências Humanas que se preocupa com a construção da realidade objetiva da transformação socioespacial. Na perspectiva de contribuir para essa discussão apresentamos o presente texto no qual são reveladas arquiteturas teóricas desenvolvidas a partir de um olhar sobre a paisagem e o lugar ribeirinhos, em especial, sobre a Geografia Ribeirinha do rio de Ondas no Oeste Baiano, espaço que tem concentrado atenção em pesquisas de cunho físico e àqueles relativos à construção de uma identidade cultural em contraste e/ou em simetria com os valores rurais e urbanos. Nesse caso, temos inúmeras leituras a fazer sobre paisagem que possui significado complexo e dinâmico pois as relações estabelecidas com as águas estão disponíveis para variadas interpretações. Apresentamos, assim, um arcabouço voltado também para uma aplicação em comunidades ribeirinhas na medida que sua dimensão simbólica e material permite a existência de atores que ressignificam os territórios, as regiões, as paisagens e os lugares.

Palavras chave: Paisagem. Rio de Ondas. Cultura. Lugar.

¹ Professor de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais (PPGCHS) da Universidade Federal do Oeste da Bahia.

RIVERSIDE GEOGRAPHY – A FIELD OF THEORETICAL ANALYSIS

ABSTRACT

Geography is part of the Human Sciences branch that is concerned with the construction of the objective reality of socio-spatial transformation. In order to contribute to this discussion, we present this text in which theoretical architectures developed from a look at the riverside landscape and place are revealed, in particular, on the Riverside Geography of the Ondas River, in West Bahia, a region that has focused attention on research of a physical nature and those related to the construction of a cultural identity in contrast and / or in symmetry with rural and urban values. In this case, we have uncountable analyses to be made on the landscape that has a complex and dynamic meaning, since the relationships established with the waters are available for various understandings. Thus, we present a theoretical framework that is also planned for application in riverside communities as its symbolic and material dimension allows the existence of actors that reframe territories, regions, landscapes and places.

Keywords: Landscape. Ondas River. Culture. Place.

1 INTRODUÇÃO

Neste texto, apresentamos um roteiro teórico e metodológico para estudos de paisagens e lugares ribeirinhos. Acreditamos que é possível denominar esse estudo de Geografia Ribeirinha visto que as relações sociais no espaço se concretizam de maneira bastante complexa e marcadamente pautada na interação comunidade e natureza.

Para tanto, iniciamos com a apresentação dos conceitos de cultura, paisagem e de lugar, categorias muito especiais à Geografia e que dão subsídios à formação de um pensamento geográfico pautado na fenomenologia da percepção, na materialidade das formas e de sua essência, como também de uma cultura permeada por signos e significados, prontos a serem lidos e interpretados a luz da Geografia Cultural Renovada.

Ao nos referirmos à cultura e à Geografia Cultural estamos expondo, na segunda parte do texto, leituras desenvolvidas a partir da antropologia, inicialmente, do século XIX e início do século XX. Tal posicionamento é necessário visto que a visão supraorgânica da cultura foi a maior expressão dos estudos nesse período da história. É nessa postura adotada pela Antropologia que encontramos uma paisagem positivista na qual a Geografia se espelhou e definiu suas categorias de análise, em especial, a paisagem como uma síntese simplista da realidade social vigente.

A paisagem, reveste-se de uma importância secular como já registrado nos estudos de geógrafos naturalistas e pintores do século XIX. A paisagem e o lugar e seus campos de investigação geográfica possibilitam, atualmente, leituras renovadas do espaço e contribuem para entendermos que a cultura ribeirinha dentre tantas outras culturas possui um campo amplo de estudo.

Diante de tantos olhares e escalas de percepção do espaço urge sempre a necessidade de definir um caminho metodológico que contemple interseções de modos de viver e perceber a paisagem e o lugar e as multiplicidades de vertentes teóricas. Para que haja uma aplicação em determinados lugares, apresentamos, como exemplos, comunidades ribeirinhas de várias regiões e no baixo curso do rio de Ondas, município de Barreiras - BA. Com isso tentamos contribuir na elaboração de novos estudos em paisagens semelhantes e referendar uma Geografia Ribeirinha.

2 PROPOSTA PARA UM DESENVOLVIMENTO DO APORTE TEÓRICO

O arcabouço teórico sobre a construção de cultura, paisagens e lugares é amplo e vem de longa data. Para uma aproximação desse universo e incluir comunidades ribeirinhas é preciso realizar uma leitura antropológica, filosófica e geográfica. Nesse caminho, o britânico Edward Tylor, definiu pela primeira vez em 1871², o conceito de cultura quando sintetizou os termos *culture* e *civilization* como um só ramo das artes, leis, costumes, crenças e conhecimentos adquiridos pelo homem quando a considerou como fenômeno natural. Nessa visão universalista a cultura é tratada a partir da conciliação entre a visão particularista com a universalista sob o argumento de que a sua evolução se daria sob aspectos materiais, simbólicos e até corporais.

O método adotado nesses trabalhos consistiu em uma caracterização das “sobrevivências” culturais. Em seu pensamento, o antropólogo considerava que em determinadas situações nas quais a cultura é influenciada por costumes antigos e recentes, poder-se-ia alcançar o conjunto original da cultura. Percebe-se que o determinismo geográfico serviu para imprimir uma visão preconceituosa e deturpada dos povos de diferentes nacionalidades tanto por antropólogos quanto por geógrafos em meio a uma época de descobertas científicas. O antropocentrismo definiu posturas e costumes bem como identidades e diferenças de conhecimentos entre povos e civilizações.

Na Filosofia, e em especial, a leitura de filósofos de cunho fenomenológico, como Bachelard (1984;1997), Merleau-Ponty (1999) e Gadamer (2008), com a percepção e a fenomenologia do mundo, e Geertz (2008) com a descrição densa é essencial ter atenção. Essas leituras dos filósofos permitem entender que a subjetividade é o sustentáculo de mensagens, linguagens, conhecimentos e saberes cuja visão mecanicista da ciência obscurece outros valores culturais. Tal com a água dos rios que são a própria intermediação entre os mundos material e imaterial. Para a Geografia, os estudos de Sauer (2004) passando por Tuan (1983) e interpretando a renovação cultural de Duncan (2004) e Cosgrove (2003;2004) dão suportes que completam uma construção embasada da dimensão da cultura, paisagem, e lugar, essenciais para o entendimento da Geografia Ribeirinha.

² A primeira definição de cultura foi formulada a partir do ponto de vista antropológico no primeiro parágrafo de seu livro *Primitive Culture* (1871). No entanto, Tylor demonstrou que cultura pode ser estudada de forma sistemática a partir de leis da evolução, influenciado na época pelos estudos de Charles Darwin (LARAIA, 2002).

2.1 PAISAGEM E LUGAR PARA A GEOGRAFIA RIBEIRINHA

Essencial partirmos de uma concepção renovada da paisagem e do lugar, porém, é importante o resgate e leitura da concepção de paisagem objetiva desenvolvida na Europa para que se possa transpor a visão fragmentada do espaço e, a partir daí, investigar novas leituras ao longo do século XX e no atual. No Ocidente, a paisagem é valorizada pelas pinturas, literatura, jardins e parques europeus com forte apelo ao paisagismo. Quando se expressa com o termo *Landshaft* pós século XVIII na Geografia Alemã, a paisagem passa a ter uma realidade mais objetiva (científica). De forma geral, o Ocidente trata a paisagem, a partir do Renascimento, com olhar duplo, de um lado a arte (pintura, paisagismo) e do outro a ciência (CARDOSO, 2012).

Somente o meio e a paisagem, ao final do século XIX e início do século XX, são considerados na influência da ocupação humana. Não há, pela lógica positivista que caracterizou essa visão, sociedade de classes e/ou conflitos sociais. Nesse sentido, os postulados de Walter Penck e William Morris Davis que, na época, desenvolviam teorias sobre a gênese e evolução do relevo, serviram de base para a Geografia Cultural de Carl Sauer. Essas bases interpretativas se destacam como interdependentes na construção de uma paisagem cultural, na qual o homem é considerado como fator morfológico, entende SAUER (2004, p. 59):

A paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural, o resultado. A paisagem natural é evidentemente de fundamental importância, pois ela fornece os materiais com os quais a paisagem cultural é formada. A força que modela, entretanto, está na própria cultura.

Para o geógrafo, a paisagem natural não deixa de ser uma marca para as sociedades imprimirem suas esculturas. Ela é base e parâmetro na edificação de formas e no estabelecimento de um padrão cultural calcado na capacidade do homem em definir por meio da gênese e formação dos elementos uma cultura.

A visão saueriana influencia fortemente os estudos da Geografia, pois seus pressupostos consideram que em qualquer paisagem cultural, a disposição, o estilo e os materiais desses aspectos tendem a refletir a presença de um modo de vida distinto, o *genre de vie* interagindo com determinado quadro natural (WAGNER; MIKESSELL, 2003, p.37).

Na Geografia Cultural Renovada a paisagem pode ser lida como um texto e constitui-se em um instrumento de transmissão, reproduzindo a cultura e a ordem social (DUNCAN, 2004). Da mesma ideia compreende Claval (2001) pois as paisagens não são realidades objetivas; seu papel na vida dos grupos humanos é mais complexo do que geralmente se pensa. Elas desempenham o papel de suporte de mensagens e de símbolos.

Em relação a uma paisagem como documento social os estudos de Cosgrove e Jackson (2000) e Cosgrove (2003;2004), passam pelas observações de jardins mais como instrumentos de poder e seletivo do que como representação pura do natural, ou seja, em possuírem um caráter dominante. Tanto que Cosgrove (2004) contribui com tipologias de paisagens as quais podem ser encontradas em diversas regiões do mundo. As paisagens alternativas dividem-se em paisagens excluídas e nelas estão presentes a das mulheres com suas próprias formas de organização, as paisagens emergentes como a dos *hippies* e *skinheads*, com suas subculturas contestatórias e as residuais representando outros momentos da história - os prédios abandonados por bombardeios e sem utilização.

No tocante às paisagens dominantes, essas são a expressão de um poder que se perpetua por longo tempo e é reproduzida não somente nos símbolos, mas na consciência das pessoas. A paisagem cultural e sua sofisticação atual estão, dessa forma, simbolicamente representadas também por vários documentos, instrumentos e fontes diversas tais como: poemas, pinturas, músicas, filmes e contos, um aparato técnico e metodológico para entendermos a paisagem e o lugar. O mapa, como não poderia deixar de ser, constitui-se na principal ferramenta simbólica dessa paisagem construída por camadas de significados.

Os recursos naturais relativos à água, minerais e a prática do lazer e do turismo são forças potenciais e estabelecem uma paisagem dominante, no sentido global do lugar, pela busca de novos materiais e pelo apelo comercial do natural ou por uma natureza “selvagem”.

Santos M. (2008, p. 103) destaca, em seus escritos, uma definição importante: “paisagem se dá como um conjunto de objetos reais concretos. Nesse sentido, a paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal”. Berque (2004) fala de paisagem, marca que expressa uma civilização e paisagem matriz que envolve esquemas de percepção, de concepção e de ação, ou seja, a cultura.

Para Saquet (2009), que discute o espaço e o território, o mesmo diz que um está no outro e que “a paisagem é o nível visível desse processo (social, natural, histórico) contemplada

essencialmente pelas relações sociais em cada época” (SAQUET, 2009, p. 81). Não menos distante dessa compreensão, Almeida (2008) apresenta a paisagem como um conjunto de relações entre os objetos presentes em um dado lugar. Para a geógrafa, ela é, sobretudo, a percepção subjetiva desses objetos e relações. A autora considera ainda que, muitas vezes, negligenciada em sua essência, as paisagens são dinamizadas pelos sujeitos em seus sistemas culturais, por isso são permanentes, mas também cambiantes.

Nesse entendimento, a Geografia Ribeirinha proposta pode contemplar paisagens dominantes a quem Cosgrove (2004) se refere, como, por exemplo, nos extensos campos de cultivos agrícolas e pelo trânsito de velozes caminhonetes nas estradas que dão acesso às chácaras, condomínios e balneários no rio de ondas e no meio rural a partir da cidade de Barreiras como explícitas simbologias de poder econômico.

Determinados autores consideram que: “O Texto permite um afastamento da situação de enunciação e, assim, a formulação de um objeto autônomo e estável, tornado independente das contingências da situação de interlocução onde ele foi produzido” (MONDADA; SODERSTROM, 2004, p. 140).

Do ponto de vista do pesquisador é necessário articular as visões e entendê-las como um pensamento intersubjetivo de como viver e construir as paisagens e os lugares. Assim entende-se também que o ribeirinho traz consigo um sentimento forte de afeição ao lugar pelo vínculo construído com a terra e o rio principalmente como meio de sobrevivência. É o que pensa Dardel (2011) em clássico livro, quando aborda o pertencimento do homem à Terra e que revela sua admiração e respeito pelas águas, solos, relevos e forças sobrenaturais. O homem, para ele, constrói por si só uma geografia mítica, ou seja:

Visto que a Terra é mãe de tudo que vive, de tudo que é, um laço de parentesco une o homem a tudo que o cerca, às árvores, aos animais, até às pedras. A montanha, o vale, a floresta não são simplesmente um quadro, um “exterior”, mesmo que familiar. Eles são o próprio homem. (DARDEL, 2011, p. 49).

Essa característica reconstrói uma paisagem vivida pelas imagens das águas do rio de Ondas que purificam e perpetuam um poder simbólico e passível de ser lido como um texto no qual o homem está unido à natureza. O observador, com uma visão apurada desse texto, investiga a essência da paisagem e demonstra de que forma os homens se relacionam com elas e lhes atribuem significados. O mundo que o cerca é complexo e não formatado à espera de um estudo

antropológico ou geográfico. Para Maciel (2001, p. 78) a intersubjetividade fortalece a percepção de paisagem e de mundo:

A vida da paisagem ao nível do pensamento brota da relação entre o ‘eu’ e sua ‘circunstância’, neste caso tudo que foi dado previamente à existência e que se costuma denominar de natureza. Pois bem, o eu interage com os seus semelhantes (intersubjetividade), transforma e interpreta a natureza, donde resulta a ideia de mundo. Nesta concepção da existência a paisagem pode ser vista basicamente como uma *circunstância interpretada*.

Não há, conforme o entendimento das ideias do trecho acima, uma lógica perfeita e programada na paisagem capaz de evidenciar a totalidade das ações humanas nem do ponto de vista material nem imaterial visto que os significados e discursos são construídos a partir de diferentes visões dos indivíduos e das sociedades.

O valor atribuído à paisagem pelas populações tradicionais difere daquele contido nas formas-objetos pois possuem mais características de formas-conteúdos, de Santos M. (2008), vivas e marcadas pela presença humana, sutilmente visíveis pelo olhar no humano.

O modo distinto de vivê-lo pelos ribeirinhos pode ser encontrado ou explicado por Tuan (1983, p. 219): “Estar arraigado em um lugar é uma experiência diferente da de ter e cultivar um “sentido de lugar”. O tempo e todas as relações vividas dão suporte para justificar a permanência de muitos membros no lugar.

Na compreensão do tema por Carlos (1996), lugar precisa ser entendido como produto das relações humanas e, nesse contexto, a natureza e a paisagem são construídas no interior de uma rede de significados e sentidos. É onde se produz a vida com todas as contradições inerentes a ela. Essas condições revelam, na verdade, uma ação humana na construção do espaço geográfico.

É importante chamarmos a atenção de que as relações socioespaciais são sempre humanizadas nas comunidades ribeirinhas apesar de quase sempre serem alteradas com a implantação de outros costumes com a ampliação das relações sociais. Porém, o lugar, assim como a paisagem, são portadores de simbologias capazes de firmarem, estabelecerem e manterem vínculos nas comunidades tradicionais fortalecidos pela identidade cultural.

As concepções diferenciadas no uso e ocupação do espaço revelam quetanto a paisagem quanto o lugar são, para o pesquisador, meios de investigação que podem resultar ou não em laços mais estreitos entre homem e natureza por meio da cultura. Existe uma prática cultural ribeirinha

vivenciada mais que percebida somente possível de apreender com o contato, o diálogo e melhor ainda, com o tempo para observar e ouvir.

No conceito de topofilia, Tuan (1983) considera a casa como esse lugar internalizado pelo indivíduo. Nós os conhecemos através do uso; não lhes prestamos atenção como fazemos com as obras de arte. Eles são quase uma parte de nós mesmos, estão muito próximos para serem vistos” (TUAN, 1983, p. 159).

Essa percepção da casa como pertencente ao indivíduo reforça a ideia de uma singularidade a respeito das coisas e pessoas, na medida em que a intimidade atribuída aos elementos materiais é absorvida pela cultura local.

Na visão de Holzer (2006), paisagem e lugar se interpenetram e mantêm certa simbiose, ou seja, são conceitos indistintos. Nessa formulação de uma Geografia mais humanista nota-se um valor diferenciado em relação às categorias de análise, visto que:

‘Lugar’, conceito espacial que durante muito tempo foi utilizado pelos geógrafos para expressar o sentido locacional de um determinado sítio. Devido a esta definição foi relegado a um plano secundário em relação a outros conceitos espaciais, como paisagem, espaço, e território. Hoje, no entanto, ‘lugar’ é considerado conceito fundamental no estudo da geografia. (HOLZER, 2006, p. 113).

O lugar é uma janela para entender a paisagem, ou vice-versa. Esses reúnem o velho e o novo, o tradicional e o moderno, o interno e o externo. São pares dialéticos que existem por meio das relações sociais e ajudam a entender os comportamentos, os costumes, a linguagem. A questão de se trabalhar na perspectiva da construção do lugar permite outros olhares apurados do espaço quando confrontados com o mundo e suas transformações na contemporaneidade.

Costa (1998) considera que existem lugares que são irredutíveis pelas características de sobrevivência e de solidariedade. O bairro, por exemplo, contém essas particularidades que se mantêm no cotidiano. De outra maneira, Souza (2000), contribui com uma visão de lugar a partir da discussão do mundo do trabalho. A noção de lugar é definida como um todo integrado ao mundo e indissociável desse pois revela todas as contradições, temores, angústias, inquietude e impotência. Nesse sentido, o lugar, ou os lugares para a autora são compreendidos como presença e coexistência:

A possibilidade da coexistência realmente verificável à partir dos lugares e, cujo conhecimento por vezes é brutal é quem nos permitirá a sedimentação de uma geografia da solidariedade, já vivenciada por muitos e inatingível pelas ciências sociais, ainda reticentes, face a necessidade de produzir alternativas para a construção de um mundo novo onde o parâmetro ético não seja mais o trabalho, nos moldes do último século. (SOUZA, 2000, p. 17).

São duas escalas diferenciadas de entendimento do lugar que achamos ser importantes o destaque enquanto espaço de pertencimento do homem a partir de suas contradições. O lugar reflete muito a contemporaneidade cujas incertezas quanto ao futuro parecem desmanchar o mundo. Ao não seguir ordem imposta por uma cultura capitalista hegemônica das paisagens dominantes o lugar ao mesmo tempo possui um poder legítimo a partir da coexistência.

3 AS VÁRIAS GEOGRAFIAS RIBERINHAS

Para haver uma Geografia Ribeirinha é necessário mergulhar nas águas quentes e humanizadas de um rio como poeticamente revela Bachelard (1997). São múltiplos os estudos cujos cenários possuem como pano de fundo o rio. Entretanto, não somente como recurso mas também como mediador do mundo material e imaterial as águas acalmam e mantêm a vida. O lugar dos ribeirinhos, e no caso, dos beiradeiros e geraizeiros, e de outras comunidades tradicionais, se constitui em um depósito de crenças, principalmente para os mais velhos em meio à difusão e misturas culturais.

Dessa forma, se faz também importante o trabalho de inúmeros autores que subsidiam o pensamento sobre as concepções de paisagem voltados a uma percepção ribeirinha. Assim, Ribeiro (2010, p.144) dá uma luz: “Olhar o rio proporciona calma e reflexão, ou seja, o rio tornou-se um elemento constituinte da cultura ribeirinha, estando diretamente ligado com o psicológico dos moradores”.

Santos A., (2009), pela denominação de culturas desviantes nos diz que os ribeirinhos se adequam e recriam novas espacialidades capazes de suportar efeitos negativos dos projetos de colonização na Amazônia. Para ela o rio é o elemento fundante das espacialidades ribeirinhas. Além da sobrevivência o rio garante a mobilidade. Com o rio o peixe é levado à cidade. Mais que separação, ele é união, encontro, desencontro e reencontro (SANTOS, A., 2009).

O rio das Contas, na Bahia, situado no município de Itacaré, e estudado por Chiapetti (2009), representa outra paisagem cultural significativa. O espaço percebido e vivido pela autora é repleto de histórias: “o rio das Contas não é um dado da natureza, mas, um resultado da história e da cultura humana” (CHIAPETTI, 2009, p. 75). A autora acrescenta que o rio das Contas é um rio da alegria:

Na busca pela felicidade, o verdadeiro valor do Rio das Contas é a inspiração de vida para os itacaraenses que o sentem como um lugar de alegria, desfrutando sua água, seus peixes e mariscos, sua paisagem, a imagem da sua beleza cênica usada para o turismo, enfim, usufruindo a multiplicidade de benefícios de um rio. (CHIAPETTI, 2009, p.185).

Em menor escala, o baixo curso do rio de Ondas também é referência de beleza para a população ribeirinha e visitante. Esses últimos acabam por desfrutar e conceber o rio pelo seu cenário natural que alimenta o espírito e traz tranquilidade.

Quando Cruz (2006) estudou a cultura e o modo de vida no rio Tocantins, concluiu que esse rio é “referência de múltiplas vivências, experiências e relações cotidianas que se manifestam e se reproduzem nas práticas espaciais e no imaginário social” (CRUZ, 2006, p. 105). Em seu estudo foram identificados quatro eixos estruturantes: a) a territorialidade, b) a temporalidade, c) a racionalidade ambiental e d) a racionalidade econômica.

O território destacado por esse autor é, ao mesmo tempo, meio de subsistência, de trabalho, produção e também dos aspectos materiais das relações sociais. A temporalidade está marcada pela tradição e dinâmica da natureza. Tradição que não indica congelamento no tempo, mas que é reinventada a cada nova geração. A natureza, nesse caso, é intrinsecamente relacionada a esse ritmo ribeirinho, à “essa certa lentidão e permanência, sendo um tempo de alguma forma estacionário [...]” (CRUZ, 2006, p. 110).

No tocante à racionalidade ambiental, assim como definida por Leff (2001;2006), essa é marcada profundamente pelo conhecimento da natureza, e seus ciclos que se refletem no uso, ocupação e no manejo dos recursos naturais. A racionalidade econômica, por sua vez, relaciona-se com as atividades extrativistas e agrícolas voltadas exclusivamente para a subsistência, embora estejam ligadas ao mercado.

Essa última característica remete às “oficinas” de farinha das comunidades beiradeiras como expressão maior da solidariedade entre os pares, pois esse espaço de trabalho é muito mais

do que a simples constatação de uma etapa funcional ou apenas um trabalho rural. A despeito de ser uma etapa “enfadonha” e “fria”, é uma condição secular de perpetuação da identidade e da racionalidade ambiental e econômica. Nelas o espaço vivido, concebido e percebido é fortemente marcado pela integração da família desde o plantio da mandioca à venda dos subprodutos na feira da cidade de Barreiras.

Tal como os brejeiros da Barra no estado da Bahia que imprimem não somente um modo de produção na paisagem: “[...] um jeito de se reproduzir, mas também um jeito próprio de ser no mundo. Culminando com o que podemos chamar de identidade brejeira [...]” (SOUSA SOBRINHO, 2006, p. 192). Esse modo de vida está intrinsecamente associado com os ecossistemas locais: os brejos, as vertentes, os sopés das serras, e as pastagens nas beiras dos rios. Para esse autor, o modo de vida espelha o modo de produção e a busca pela sobrevivência com técnicas de manejo adequadas de uso do solo. Prevê, portanto, uma subordinação ao capital, visto que, os projetos desenvolvimentistas se ocupam em fragmentar o controle que essas comunidades possuem sobre seu trabalho.

Em situação análoga, Santos, R., (2008) revelou uma história dos arroteiros do baixo curso do rio São Francisco estabelecido pela íntima relação com a cheia dos rios que congregava famílias inteiras no cultivo do arroz. Porém, assim como os brejeiros, outras intervenções desarticularam a cultura tradicional a partir da valorização por hidrelétricas no município Porto da Folha em Sergipe. A racionalidade ambiental e econômica marcada pelo trabalho familiar deu lugar à racionalidade econômica imediatista que vem provocando sérias implicações socioambientais segundo o autor: “a comunidade do lugar através de seu misticismo esperava as cheias do “Velho Chico” como em datas certas, pois suas vidas dependiam dessas cheias” (SANTOS, R., 2008, p. 115).

Nesse caso foi alterada a relação que o ribeirinho mantinha com os fenômenos naturais após a construção da Hidrelétrica Xingó. Novamente os rios são alvos de projetos elaborados sem conhecimento da cultura e dos impactos na vida dos que dependem diretamente da natureza.

Para Souza (2011), quando aborda os ciclos de vida dos ilheiros do rio São Francisco em Minas Gerais, a mesma considera que a terra, a chuva, o vento, enfim, a natureza como um todo, está e faz parte do cotidiano de homens e mulheres, donos do seu tempo e unidos pelo sentimento de pertencimento. O rio São Francisco é novamente personagem de uma história brasileira ao final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Paula (2009) ao estudar as migrações de

retorno ao Norte de Minas Gerais registrou a importância do rio São Francisco como estrada “líquida” devido às viagens dos migrantes nos barcos a vapor:

A fuga da seca, da falta de terras e trabalho em sua própria região foram determinantes para as migrações pelo rio. Camponeses em sua maioria enfrentaram o desconhecido através das águas do São Francisco na busca do mínimo para sobreviverem. (PAULA, 2009, p. 110).

Os flagelados da seca obtinham a esperança de dias melhores com a viagem pelos barcos e o Rio São Francisco foi essencial para muitos chegarem ao seu destino: São Paulo, Belo Horizonte ou mesmo a outras cidades distantes da seca. Isso quer dizer que os rios possuem significados e absorvem diferentes funções com o passar dos anos. Chiapetti (2009, p. 74) reforça a mesma ideia com a seguinte passagem:

Rio...água... água enquanto rio, rio na perspectiva de lugar, de espaço, de paisagem... Rio como lugar de existência humana, matéria e espírito, vida e sonho, encontros de vidas, visões de mundo, crenças, medos, emoções, representações, símbolos, valores e significados.

A imagem de um rio é construída a partir de muitos significados e sentidos. Apenas suas águas não são suficientes para entender o valor que possui para as populações ribeirinhas. Tal como se vê nas tipologias identitárias dos arroteiros, brejeiros, vazenteiros, ilheiros, geraizeiros e beiradeiros é preciso ir ao encontro dessa realidade frutos de uma relação com a natureza, de proteção, sobrevivência, trabalho e saberes. Nesse sentido, nos rios de Ondas e Grande, estão as memórias e histórias registradas pelos beiradeiros³ e mais que isso a própria existência e persistência na paisagem.

4 POR UMA GEOGRAFIA RIBERINHA

A paisagem na Geografia é também escrita e reescrita pelas pessoas do lugar. Nelas encontram-se a gentileza, a alegria e a hospitalidade. Das caatingas aos Cerrados são muitos sertões

³ Cardoso (2012) desenvolveu pesquisa de Doutorado e pesquisou o significado dessa tipologia no baixo curso do rio de Ondas, Barreiras, BA.

e muitas culturas. Olhar para esse sertão é compreender duas visões: a dos “de fora”, viajantes e cronistas e a dos “de dentro” os sertanejos (ALMEIDA, 2003, p. 77).

A cultura contribui com o modo de perceber a vida rural de comunidades que vivem no entorno das águas. Essa proximidade pode ser realizada na medida em que o pesquisador destina tempo para investigar outras organizações comunitárias que por alguns aspectos próprios se diferenciam por compartilharem saberes sobre a natureza e sobre a vida em comunidade, e em nosso caso particular, em Barreiras, BA. De certa forma, a aceitação de mudanças no cotidiano é gradual. As condições que Cândido (2001) apresentou ao estudar a cultura caipira contêm traços importantes para a aproximação de um modo de vida sertanejo no Cerrado.

Na Geografia Ribeirinha os espaços e os processos socioeconômicos são diferenciados no tempo. Para tanto, dentre as muitas características possíveis para a interpretação desse modo de vida, o pesquisador pode se defrontar com as seguintes particularidades:

- a) Relação espacial com o rio como provedor da sustentação nos afazeres domésticos e no aproveitamento de suas águas para abastecimento das moradias;
- b) Organização para o trabalho comunitário e familiar como mantenedora da identidade cultural;
- c) Conhecimento e delimitação de zonas agricultáveis, inclusive com respeito às áreas de preservação permanente, às margens do rio, e nos relevos declivosos;
- d) Alto grau de parentesco e compadrio, refletidos com a solidariedade nas trocas de bens, frutos do trabalho;
- e) Forte religiosidade católica, expressa nas capelas e nas festas de padroeiro, principalmente entre os mais velhos;
- f) Organização política bem fundamentada nos valores identitários no uso e ocupação da terra.

Alguns lugares perdem essas particularidades devido às ações e planejamentos elaborados distantes dos ribeirinhos. Esses não podem participar e nem discutir as intervenções que são definidas longe do seu lugar de origem. Fragmentam-se, desse modo, lugares e paisagens, trabalhadores, homens e mulheres.

Situação semelhante é encontrada nas comunidades ribeirinhas do rio de Ondas e a principal delas diz respeito ao aproveitamento de suas águas para Pequenas Centrais Hidrelétricas já pontuado em outros trabalhos. Como consequência problemas de ordem psicológica e de saúde

tem surgido nos membros das comunidades pois o rio além de possuir uma importância material também é valorizado pela sua simbologia.

Mesmo com a interação com o meio urbano essas condições de pertencimento não resultam em mudanças nos valores por completo. Essa atitude demonstra a persistência na paisagem e no lugar ribeirinho como estratégias basilares para a manutenção da identidade no rural, interagindo dialeticamente com o urbano.

Esses sujeitos promovem mudanças e essas dinamizam o lugar, pois mesmo que o modo de vida singular, característico dos nativos seja latente na paisagem, outros interesses podem provocar uma perda do lugar onde nasceram. Esse cenário possui uma via de mão dupla entre o rural e o urbano, entre tradição que não se apaga e modernização que se propõe a complementar e modificar antigas relações de pertencimento: a vizinhança, a solidariedade, a história, a cultura.

Para tanto, a riqueza hídrica própria do Cerrado Baiano proporciona um campo de estudos de uma Geografia Ribeirinha, como já enfocado, e é responsável, de certa forma pelo estabelecimento de um cenário valorativo do natural.

Esse exemplo com similares características no baixo curso do rio de Ondas permite-nos entender que não se pode tratar as comunidades locais, em qualquer região, como isoladas de qualquer mudança no seu espaço vivido. Há, naturalmente, resistências ao novo no que diz respeito às formas modernas de manejo agrícola, às novas ocupações de terras, à perda de costumes seculares.

Os espaços de representação em que se devem focar nos estudos da Geografia Ribeirinha podem ser considerados como sagrados, tais como as capelas, as moradias, o cemitério, as “oficinas” de farinha, que denotam uma organização ímpar e necessária para manterem as práticas culturais vivas e permanentes.

As representações do espaço, lembranças, valores e sonhos, coexistem. Vistos por esse ângulo, são os lugares da ação e de situações vividas. Dessa forma “um determinado lugar não é somente parte do mundo, mas o próprio mundo localizado, onde as ações, as práticas humanas se concretizam” (HAURESKO, 2009, p. 14).

A Geografia das paisagens e dos lugares resulta numa Geografia Ribeirinha que reúne manifestações locais frutos da interação de seus membros enquanto partícipes de um mundo cujas influências econômicas imprimem novas formas de apropriação de seus recursos humanos e naturais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As águas do rio de Ondas constituem-se numa fonte de pesquisa sem limites a estudos antropológicos, ambientais e culturais, construindo a Geografia Ribeirinha. Atualmente, o rio de Ondas e rio Grande apresentam outras paisagens diferente daquelas dos barcos a vapor. As rodovias federais e estaduais substituíram o transporte fluvial ao mesmo tempo que a cidade se urbanizou rapidamente.

O crescimento da densidade demográfica na cidade é o reflexo da economia regional pautada numa agricultura comercial e um forte setor de serviços que atrai parcela de migrantes trabalhadores, sejam temporários, devido às safras agrícolas, ou em funções diversas no setor secundário e terciário. Novos cenários vão aos poucos modificando a paisagem regional como a exploração de energia solar e eólica além da construção da ferrovia oeste-leste que pode trazer importantes análises acerca do desenvolvimento territorial do município.

Dentre as inúmeras identidades culturais há aquelas que se destacam pelo pertencimento ao lugar e à paisagem mesmo naqueles que já não moram mais próximos ao rio. Cabe, ao pesquisador, dar atenção à construção territorial e cultural das comunidades tradicionais e nelas poder enxergar uma organização comunitária estritamente com condições geocológicas tendo como centro as águas e seu valor imaterial. Desse modo, e a partir da visão sobre o rio, ou sobre os rios, caminhos teóricos e metodológicos são capazes de fomentar um debate acerca de uma Geografia Ribeirinha e todos os sujeitos e conflitos que dela fazem parte reunindo o passado e o presente, o rural e o urbano, a paisagem e o lugar, e fortes conteúdos escondidos pelo rigor objetivo de um cenário natural.

6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. G. de. Diversidades paisagísticas e identidades territoriais e culturais no Brasil sertanejo. In: ALMEIDA, Maria Geralda de; CHAVEIRO, Eguimar. Felício; BRAGA, Helaine da Costa. (Org.). **Geografia e cultura - a vida dos lugares e os lugares da vida**. Goiânia: Vieira, 2008. 313 p.

BACHELARD, G. **A água e os sonhos**: ensaios sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (coleção tópicos).

BERQUE, A. Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: Elementos da problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2a. ed. 2004. 124 p.

CÂNDIDO, A. **Os Parceiros do rio Bonito** - Estudo sobre o caipira e a transformação dos meios de vida. São Paulo: editora 34, 2001, 276 p.

CARDOSO, E. S. **Viver entre Margens**: A Persistência na Paisagem e no Lugar dos Beiradeiros do rio de Ondas - Barreiras - BA.2012, 254 f. Tese (Doutorado em Geografia), IESA – Programa de Pesquisa e Pós - Graduação em Geografia, Goiânia: UFG, 2012.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: editora Hucitec, 1996.

CHIAPETTI, R. J. N. **Na beleza do lugar, o Rio de Contas indo...ao mar**. 2009, 216 p. Tese (Doutorado em Geografia) - IGCE, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Rio Claro: UNESP, 2009.

CLAVAL, P. O papel da Geografia Cultural na compreensão da ação humana. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001, 146p.

COSGROVE, D. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004.

COSGROVE, D. Em direção a uma Geografia Cultural Radical. In: CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (Org.). **Introdução a Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 224p.

COSGROVE, D.; JACKSON, P. Novos rumos da Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L. ROSENDAHL, Z. (Org.). **Geografia Cultural**: um século. Tradução de Tânia Shepherd. Rio de Janeiro: Eduerj, 2000. 112 p.

COSTA, C. L. **A construção do lugar a partir do espaço programado** - o caso da vila Teotônio Vilela em Catalão - GO. 1998, 102 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia, Goiânia: UFG, 1998, 102 p.

CRUZ, V. do C. **Pela outra margem da fronteira:** território, identidade e lutas sociais na Amazônia. 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Niterói: UFF, 2006.

DARDEL, E. **O Homem e a Terra:** natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DUNCAN, J. S. A paisagem com sistema de criação de signos. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.) **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004. 180p.

GEERTZ, C. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008. 323 p.

HAURESKO, C. **Entre tradição e Modernidade:** o lugar das comunidades faxinalenses de Taquari dos Ribeiros (Rio Azul – PR) e Anta Gorda (Prudentópolis – PR). 2009, 225 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia, Rio Claro: UNESP, 2009.

HOLZER, W. Sobre paisagens, lugares e não-lugares. In: OLIVEIRA, L. de; FERREIRA, Y.; NAKAGAWARA, G. L. H. B.; MARANDOLA JÚNIOR, E. (Org.) **Geografia, Percepção e cognição do meio ambiente**. Londrina: edições Humanidades, 2006.

LEFF, E. **Racionalidade Ambiental** - a reapropriação social da natureza. tradução Luís Carlos Cabral, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEFF, E. **Saber ambiental:** sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis: Vozes, 2001.

MACIEL, C. A. A. **Morfologia da paisagem e imaginário geográfico:** Uma encruzilhada Onto-Gnoseológica. In: GEOgraphia, Rio de Janeiro: v. 6, n. 3, 2001. p. 71-82.

MONDADA, L. SODERSTROM, O. Do texto à interação: Percurso através da Geografia Cultural Contemporânea. In: CORRÊA, R. L. ROSENDAHL, Z. **Paisagens, Textos e Identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. 180 p.

PAULA, A. M. N. R. de. **Movimentos migratórios em comunidades rurais no sertão do Norte de Minas Gerais**. 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Uberlândia: UFU, 2009.

SANTOS, A. G. dos; ALMEIDA, M. G. de. **Culturas Desviantes: as espacialidades das comunidades ribeirinhas do Vale do Guaporé - RO, BRASIL**. In: Ateliê Geográfico, v.1, n.6, p.202-215, ano 2009.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: Técnica e tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: EDUSP, 2008.

SANTOS, R. G. dos. **Impactos socioambientais à margem do Rio São Francisco: um estudo de caso**. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, São Paulo: USP, 2008.

SAQUET, M. A. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, M. A. SPÓSITO, E. S. (Org.). **Territórios e Territorialidades: Teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2009. 369 p.

SOUSA SOBRINHO, J. de. **Brejos da Barra: comunidades camponesas no processo de desenvolvimento no vale do São Francisco**. 2006, 285 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, São Paulo: USP. 2006.

SOUZA, M. A. A. de. O lugar de todo mundo - a Geografia da solidariedade. In: GONÇALVES, N. M. S.; SILVA, M. A. da; LAGE, C. S. **Os lugares do mundo. A globalização dos lugares**. Salvador: UFBA, Departamento de Geografia, 2000, 287 p.

TUAN, Y. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

Data de recebimento: 25 de outubro de 2020.

Data de aceite: 29 de dezembro de 2020.